Ano XVII — Lisboa, Julho de 1961 — N.º 195

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

QUEM PODE INTERPRETAR O PROBLEMA?

Há quem pense que certos resultados alcançados no campo científico foram apenas obra do acaso e fruto de circunstâncias felizes, de carácter fortuito.

Cremos que, quem meditar um pouco sobre o problema e tome na devida consideração as premissas que conduziram à obtenção desses resultados, talvez se sinta constrangido a perfilhar uma opinião diferente acerca de casos dessa natureza.

Recordamos, a propósito, a descoberta de penicilina. Este feliz acontecimento deve-se a uma eventualidade de que foi teatro o laboratório do sábio Alexandre Fleming. Conta a história que, no decurso do inverno de 1929, excepcionalmente frio e húmido, um núcleo de bolor que pairava na atmosfera entrou pela janela do laboratório onde estavam expostas placas de culturas de estafilococos. Tal facto, constituía sempre uma contrariedade porque causava a inutilização daqueles preparados.

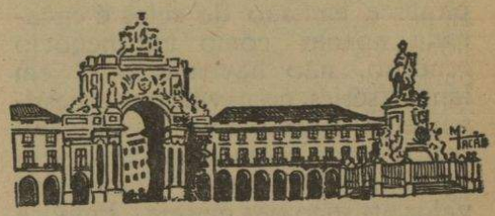
Felizmente para a Humanidade, essas placas não foram limpas imediatamente, e, dois dias após, o olhar perscrutante do dr. Fleming, ao pousar sobre as famigeradas placas, verificou uma regressão nas culturas microbianas. Tal pormenor, que não traria qualquer interesse para a observação de um leigo, veio pôr em funcionamento todo o mecanismo do raciocínio do eminente sábio, o que daria azo, anos mais tarde, ao descobrimento da preciosa droga, que tantas vidas tem salvo.

Este caso não é ímpar na história da Medicina. Anos antes, Pasteur fora surpreendido com um incidente análogo, ao inocular galinhas com culturas de bacilos de cólera que, por serem antigas, tinham a virulência atenuada, do que resultou não serem contaminados os animais sujeitos à experiência. Dias depois, quando estas galinhas foram novamente inoculadas com culturas frescas, Pasteur observou, surpreendido, que elas reagiam à contaminação, enquanto outros animais, não injectados anteriormente, caíam vítimas daquele mal. O espírito do grande sábio francês, perante tão inesperado fenómeno, imediatamente interpretou as causas dessa anomalia e caminhou seguro o trilho que o havia de habilitar a expor os princípios da imunização, de consequências tão extraordinárias para a Humanidade.

Estes acontecimentos levam-nos a concluir que esses pequenos incidentes só foram úteis e devidamente aproveitados por terem sido submetidos à observação esclarecida, trabalhada por longos anos de estudos e de investigações, de homens famosos. Tais factos, não há dúvida, retiram a esses eventos o carácter incidental que desprevenidamente é costume imputar-lhes e demonstram, com veemência, que o ter-se beneficiado das lições que a sua ocorrência permitiu, só foi possível porque a elas respondeu uma observação disciplinada e criteriosa, enriquecida e elevada a um alto grau de potencialidade por um processo lento de preparação de capacidades, que tornava esses cérebros privilegiados aptos a tirar dos sucessos de que eram testemunhas as ilações apropriadas e convenientes.

Alargando o âmbito destas considerações, é-nos lícito crer que, no dia a dia, talvez ocorram fenómenos de transcendente relevância, de que não se frui qualquer vantagem em virtude da ausência de um observador atento e perspicaz, apto a retirar deles ensinamentos pertinentes, os quais, quem sabe?, constituiriam preciosos auxiliares para a

(Conclui na página 2)



O ESCOTISMO NA CAPITAL

REGIÃO CENTRO

Nos dias 3 e 4 de Junho p. p., realizou-se no Campo Permanente da Costa da Caparica o primeiro acampamento da época organizado pela Região Centro, no qual estiveram presentes os grupos n.os 1, 8, 10, 12, 13 e 94, num total de 70 escoteiros.

A actividade dirigida pelos Chefes Regional e Regional Adjunto, respectivamente Eng. Nobre Santos e José Eduardo Ribeiro, foi organizada especialmente para patrulhas, tendo no entanto ficado o acampamento por grupos.

Através das diversas fases em que a actividade foi dividida, vimos apresentar bom nível escotista nos trabalhos realizados.

Com um excelente fogo de conselho, começou um animado concurso para disputa do trofeu «A melhor Patrulha», que foi ganho brilhantemente pela "Bisão„ do Grupo n.º 10.

Os trabalhos de pioneirismo, para exploradores, dirigidos por José Eduardo Ribeiro, mostraram que muito se pode fazer neste sector no campo permanente, que está em excelentes condições para tais fins.

Durante o Grande Jogo o «Roubo do Chefe» pudemos verificar o entusiasmo com que os escoteiros se dedicaram nas execuções de abrigos, fogueiras, transportes de sinistrados, orientação, pistas, etc.

Podemos portanto assinalar que este acampamento foi sem dúvida uma boa abertura de época para a Região Centro.—A. I.

GRUPO N.º 85 — BELÉM

Actividades de campo — Em Maio passado foram realizados dois bivaques, um na Paiã e outro no Campo Permanente da Caparica, onde foram feitos diversos exercícios.

Em 3 e 4 de Junho, o Grupo acampou em Carcavelos para treino dos aspirantes.

Visitas a Grupos—Correspondendo a convites recebidos, o Grupo visitou os Grupos 1, 2 e 12 e tomou parte em actividades ali realizadas.

Primeiros Socorros — Uma senhora enfermeira diplomada está ministrando instrução de primeiros socorros a escoteiros deste Grupo.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

FILATELIA

II

DO VALOR E INTERESSE DAS SÉRIES

As mais interessantes séries de selos escotistas, não são, como poderia depreender-se, as que mais dinheiro custam. A título de curiosidade, assinalamos que em alguns países a emissão de selos é encarada apenas como um negócio rendoso, não havendo pejo em lançar séries com valores excessivamente altos para «fazer dinheiro» com os coleccionadores, sem se olhar, muitas vezes, ao diminuto valor artístico das mesmas. Embora numa percentagem reduzida, isto sucede com algumas emissões de selos de tema escoteiro. O filatelista principiante pode, todavia, tornear este «obstáculo», não se deixando prender pelas séries em que o ponto de vista «comercial» andou demasiado à frente do interesse do motivo escolhido, ou adquirindo-as usadas, o que lhes reduz sensìvelmente o custo.

O país que mais selos dedicou ao Escotismo, foi a Roménia, antes do regime comunista. (Num próximo artigo referir-nos-emos a determinado caso que se verifica nas séries «escotistas» romenas e nos parece de interesse assinalar, com vista, principalmente, aos filatelistas principiantes). Mais recentemente, as Filipinas, a Nova Zelândia, o Brasil e a América do Norte, têm-se distinguido pelas frequentes emissões, embora esses dois últimos países se limitem a séries de apenas um selo.

De entre todas as séries de selos escotistas, evidenciou-se nos últimos 5 anos e até há bem pouco tempo, pela actualidade dos motivos e perfeição dos desenhos e das cores, a série de 5 selos da Indonésia, comemorando, em 1955, o seu I Jambori Nacional. Esta era, simultâneamente, das mais bonitas e menos caras sobre Escotismo e o seu primado manteve-se até surgir, no ano findo, a série grega de 8 selos escotistas, que embora menos expressiva nos desenhos tem a seu favor o maior número de motivos abordados e uma mais específica distribuição das cores, pois na série indonésia cada selo tem uma só cor e na grega há diversas cores num só selo, formando agradável conjunto. Apesar da quantidade e perfeição, também os 8 selos gregos são dos mais baratos até hoje saídos sobre Escotismo, o que confirma quanto acima expomos.

E em breve tornaremos ao assunto.

J. M. PEREIRA

P.S. — O último período do nosso anterior escrito sobre filatelia escoteira, saiu truncado, devido a um «salto» tipográfico. Repetimo-lo, corrigido, para que os interessados não sejam induzidos em erro:

«Pensamos, porém, que a mistura não se prolongará por muito tempo e que conhecendo os negociantes de selos as características do Escotismo (para o que estamos a trabalhar e todos os escoteiros interessados podem ajudar-nos), acabarão por separá-los, nos seus catálogos, de tudo o que respeita à temática desportiva, dando assim corpo e expansão à temática pura e simplesmente escotista, já hoje amplamente justificada pela emissão de muitas séries alusivas, abrangendo centenas e centenas de magníficos selos a cuja execução não falta beleza e arte, todos abordando o mesmo tema útil e inconfundível: o Escotismo».

TRINDADE E TOBAGO

Para comemorar o Jambori das Caraíbas que se realizou na Ilha Trindade em Abril passado, foram emitidos pelos correios locais dois bonitos selos multicolores, das taxas de 8 e 25 cêntimos Têm um medalhão com o retrato da Rainha Isabel II sobreposto à Insignia do Búfalo e, ao lado, quatro escoteiros simbolizando diferentes raças sobre o recorte geográfico das Ilhas Trindade e Tobago. Foi emitido um sobrescrito de 1.º dia.

FILIPINAS

Em comemoração do 2.º Acampamento Nacional dos Escoteiros Filipinos, que se realizou no Parque Pasonanca, foram apostas à série do Jambori Mundial de 1959, realizado em 1959 neste mesmo país, sobretaxas de 10 e 30 cent. e sobrecarga com a indicação daquele acampamento.

COREIA DO SUL

Foi emitido em 10 de Maio passado um selo dedicado às guias (escoteiras), da taxa de 40 hwan, litografada nas cores azul e verde. Foram emitidos 500 mil selos e uma folhinha miniatura.

QUEM PODE INTERPRETAR O PROBLEMA?

(Conclusão da página 1)

actividade humana e abririam novos caminhos nos domínios das ciências e das técnicas.

Newton, ao ver caír de uma árvore uma maçã, arquitectou essa maravilhosa teoria que é a Lei da Atracção Universal, de tão profundas repercussões no pensamento humano e nas conquistas científicas a que serviu de ponto de partida. É crível, que, até então, tenham sido aos milhares os homens que contemplaram igual espectáculo; no entanto, só o cabedal de conhecimentos do grande físico inglês esteve à altura de retirar da visão de um objecto que caí tão complexas conclusões.

Não há dúvida de que o comportamento da sociedade nos dias que passam denota uma crise, de cujas proporções ainda não há uma percepção completa. No entanto, no meio deste colapso dos valores que foram o apanágio de uma época que passou, é notória a sensação de que há qualquer coisa que caí. Se nem sempre é possível à Humanidade contar com o concurso de homens da compleição intelectual de Newton, não é, com certeza, um mero jogo com a fortuna do acaso, nem uma demasiada exigência desejar-se o aparecimento nos nossos dias de um homem que, adestrado por uma preparação adquirida através de largos períodos de meditação e de estudo, consiga descobrir a razão desta desastrosa queda e identificar as forças que a determinam, assim como alcançar o conhecimento das interligações que a originam e, por mor de apropriada sistematização destes conhecimentos, lograr processos que transformem este revolutear desencontrado numa harmoniosa movimentação que leve os povos da terra a uma nova era de paz, de cooperação e de elevação do nível espiritual.

Será, de facto, injustificável exigência a manifestação de um desejo desta categoria?

JOEL RIBEIRO

«SEMPRE PRONTO»

Movimento de Caixa em 1960

RECEITA

Saldo de 1959	318$20
Agências	
Venda avulso	2 437$50
Assinaturas	
Recebidas	9 243$20
Publicidade	
Anúncios publicados	1 184$50
Livraria	
Venda de livros	1 886$50
Comparticipações	
Antigos Escoteiros da Beira	1 250$00
Fundo de Melhoramentos	
Ofertas	414$00
	16 733$90

DESPESA

Expedição	677$10
Expediente	304$80
Cobrança	699$50
Publicação	14 559$10
Imposto s/ publicidade	43$50
Despesas c/ publicidade	205$30
Diversos	30$00
	16 519$30
Saldo para 1961	214$60
	16 733$90

Lisboa, 31 de Dezembro de 1960

O Administrador,

CAPITOLINO FERREIRA MACEDO

RELAÇÕES NO TRABALHO

Há «Superior» e Superior

A função de chefe vista por um Escoteiro

Há chefes que se contentam em ser O SUPERIOR; ocupam o lugar, isso é para eles suficiente. Há outros que têm uma mais alta ideia da sua missão e que querem ser realmente superiores em todos os pontos às pessoas que têm de dirigir. Os primeiros têm os galões; mas os outros têm o ascendente.

O SUPERIOR pode-se vangloriar sòmente do seu título; o homem superior faz prova de qualidades que nem toda a gente possui.

O SUPERIOR, muitas vezes, contenta-se em ganhar mais; o homem superior tem a ambição de realizar mais.

Ser O SUPERIOR é ter a ambição de se fazer obedecer por constrangimento; ser superior é ter a possibilidade de se fazer seguir por consentimento voluntário.

O SUPERIOR pode chefiar uma obrigação fastidiosa; só o homem superior pode fazer desejada uma tarefa.

O SUPERIOR está convencido de que se pode ainda dizer: «Porque esta é a minha vontade»; o homem superior afirma: «Porque esta é a vontade de todos nós».

O SUPERIOR fala seco a fim de manifestar a sua importância; o homem superior fala cordialmente e revela assim a sua confiança. O primeiro tem medo da sua inferioridade; o segundo sente-se sustentado pelo seu valor.

O SUPERIOR tem o direito de punir; o homem superior tem o poder de melhorar.

O SUPERIOR considera muitas vezes toda a observação ou toda a sugestão como uma ofensa; o homem superior alegra-se da iniciativa e do senso crítico dos seus subordinados. O primeiro receia parecer pequeno; o segundo gosta de ver crescer os outros.

Aquele que não é outra coisa senão O SUPERIOR, como não ousa ensinar nada, também acaba por nada saber senão aquilo que descobre por ele próprio. O homem superior, como confia tudo o que se passa, também ele é constantemente informado da marcha do seu serviço e pode aperfeiçoá-lo.

Ser O SUPERIOR é vexar-se quando não se verifica no subalterno todos os «sinais exteriores de respeito». Ser superior é colocar o objectivo comum antes das susceptibilidades pessoais. Quanto aos «sinais exteriores de respeito», O SUPERIOR exige-os... mas nem sempre os obtém, enquanto que o homem superior os recebe... sem os exigir.

O SUPERIOR se formaliza fàcilmente porque tem ideias muito pequeninas; o homem superior não se formaliza porque tem muito grandes objectivos.

Ser O SUPERIOR é ter direitos maiores. Ser um homem superior é ter a consciência de que tem maiores deveres. O primeiro diz: «Fazei»; o segundo diz: «Façamos».

Ser sòmente O SUPERIOR é gozar o prazer de se encontrar acima dos outros e contentar-se em exibir os seus galões; ser verdadeiramente superior é estar no meio dos homens e aí brilhar; é ter o prazer de indicar o caminho àqueles que ainda o não encontraram.

O SUPERIOR goza o seu posto; o homem superior as suas obras.

O SUPERIOR deve muitas vezes o seu posto a protecções; de qualquer maneira, é nomeado por outro: é fabricado de fora. O homem superior não deve o que é a ninguém senão a ele próprio; quando é colocado num lugar em consequência de uma nomeação possui já as qualidades necessárias; fez-se a ele próprio.

Ignorando que a personalidade é uma coisa que se cultiva, O SUPERIOR, que não é senão isso, não tem qualquer ambição a este respeito: é um homem «arrivé»; não progredirá mais. O homem superior ao contrário, sabendo tudo que lhe falta ainda, procura constantemente aperfeiçoar-se é um homem em marcha e ninguém poderá dizer até onde ele será capaz de se elevar.

O SUPERIOR tem o poder; mas é o homem superior que tem

(Conclui na página 6)



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

O VI ACAMPAMENTO NACIONAL DA AUSTRÁLIA

Quinze mil escoteiros viajaram de todas as partes do Continente Australiano e de dezoito países de além mar para assistir ao sexto Jambori da Austrália, que se realizou em Lansdowe, perto de Sidnei, e que teve como hóspede de honra o Escoteiro-Chefe da Comunidade Britânica, Sir Charles Maclean, que foi directamente de Inglaterra para tomar parte no grande acontecimento.

O maior contingente foi o da região escoteira de Vitória constituído por 4200 rapazes, que foram distribuídos em grupos pelos outros contingentes a fim de encorajar a fraternidade.

O acampamento foi visitado pelas mais altas autoridades do país, bem como por ilustres entidades locais. Lorde Rowallan, ex-Escoteiro-Chefe da Comunidade Britânica e actual governador da Tasmânia, esteve também presente.

Uma das manifestações mais interessantes foi uma grande festa de campo. Um dos números apresentados foi um episódio «O Escotismo através das idades», de sentido humorístico, começando na Idade da Pedra e acabando em épocas ainda vindouras, mas sempre com a presença de escoteiros. Interessante para nós, Portugueses, foi o quadro em que o «1.º Grupo de Escoteiros de Mar Portugueses» chega à América e entra em contacto por sinalização com os índios daquele continente.

Realizaram-se ainda fogos de conselho, concertos, excursões, jogos e exercícios. Outro acontecimento de relevo foi o Culto de Acção de Graças, em que pela primeira vez naquele continente tomaram parte todas as denominações presentes. O Escoteiro-Chefe da Comunidade encerrou o serviço com a bênção.

Diversas entidades australianas deram a sua cooperação na montagem do grande campo e o exército emprestou grande número de tendas e outro equipamento.

LAMENTÁVEL

Dos Serviços de Informação e Cultura da Região Centro recebemos o seguinte ofício dirigido ao nosso Director;

Lisboa, 30 de Junho de 1961

«Com referência à local publicada no último número do v/ muito estimado jornal, sob o título LAMENTÁVEL, vêm estes serviços informar V. e os seus leitores que, segundo foi agora apurado, a falta de algumas unidades escotistas na palestra proferida pelo Ex.mo Sr. Dr. Ferreira Dinis, em 27 de Maio p. p., se ficou a dever a um mau serviço dos C. T. T., dado que algumas circulares convocatórias daquela reunião, postas no correio em 17 daquele mês, nunca chegaram ao seu destino.

Agradecemos, entretanto, o reparo de V., dirigido, como é óbvio, aos chefes que receberam a referida circular, em tempo oportuno, dos quais estes serviços não receberam, sequer, qualquer justificação da sua ausência.

Digne-se V. aceitar os protestos de amizade e consideração dos

Serviços de Informação e Cultura
«Sempre Pronto a Servir»

a) *Ribeiro Nunes*

UM POUCO DE HISTÓRIA

IV

LISBOA

A CERCA FERNANDINA

Quando da conquista de Lisboa aos Mouros em 1147, levada a efeito por D. Afonso Henriques, era a cidade defendida por uma forte cintura de muralhas, a chamada Cerca Moura, que, tendo origem no Castelo de S. Jorge, no mesmo Castelo vinha terminar. A Lisboa Mourisca crescera, desenvolvera-se e, estendendo-se muito para além das suas muralhas, era no terceiro quartel do século XIV uma cidade em florescente desenvolvimento. Porém, as constantes guerras com Castela que assinalaram o reinado de D. Fernando I, trazendo ao reino as maiores calamidades, não poupavam a cidade de Lisboa, causando aos seus habitantes, mormente aos que viviam fora das muralhas, as mais cruentas devastações, sofrendo a cidade o incêndio e a pilhagem. Tais desmandos levaram D. Fernando a ordenar a construção de uma nova cerca de muito mais vasta área capaz de abrigar em seus muros toda a cidade.

Aproveitando parte da Cerca Moura, foi iniciada a construção em 1373 e estava totalmente terminada em 1375. Dois anos bastaram para levantar essa gigantesca obra defensiva com que era de uso proteger as cidades na Idade Média, obra defensiva essa que ficou conhecida pelos nomes de Cerca Nova ou Cerca Fernandina, passando as antigas muralhas mouriscas a ser designadas por Cerca Velha, em oposição ao nome da nova construção.

A morte de D. Fernando iria trazer ao reino as maiores perturbações. D. João I de Castela, casado com D. Beatriz, filha de D. Fernando e de D. Leonor Teles, sentindo-se por esse casamento com direito à Coroa de Portugal, vem com numeroso e bem apetrechado exército pôr cerco a Lisboa. Confiada a defesa da cidade ao Mestre de Aviz, que o povo não querendo um rei estrangeiro aclamara Regedor e Defensor do Reino, este, encerrado nas muralhas da Cerca Fernandina, cujas 77 torres e 38 portas eram defendidas por fidalgos e homens do povo da sua confiança, resiste desde 30 de Maio a 3 de Setembro de 1384 ao prolongado cerco que durou 97 longos dias, durante os quais se praticaram actos da maior bravura e heroísmo e se feriram duros combates.

Sem a vitória do Mestre de Aviz e da brava gente de Lisboa, que a existência da Cerca Fernandina tornou possível, Portugal teria sido inevitàvelmente absorvido por Castela, o Mestre de Aviz jamais teria sido aclamado Rei com o nome de D. João I e não teria vindo ao Mundo a Ínclita Geração, à qual pertenceu o glorioso Infante D. Henrique, que tornou possível a epopeia de Portugal nos mares e sua projecção na História da Civilização.

Tão venerandas muralhas que salvaram a independência da Pátria, que veio a cimentar-se em Aljubarrota, e das quais hoje apenas subsistem raros vestígios, merecem que delas façamos uma breve descrição.

Aproveitando, como já dissemos, parte da Cerca Moura ou Cerca Velha, percorria a Cerca Fernandina um vasto percurso ao longo do qual se contavam 77 altas torres, algumas com quinze metros de altura, e se abriam 38 portas. Partia o lance ocidental da Cerca, do Castelo de S. Jorge, junto à Torre de S. Lourenço, perto da qual se abriam as portas deste nome. Descendo a encosta até à Mouraria, no local onde até há pouco existiu o Arco do Marquês de Alegrete, aí ficavam as portas da Mouraria, subia daí ao Campo de Santana onde, abaixo da Igreja da Pena, estavam as portas de Santana. Do alto descia depois para as Portas de Santo Antão que se inseriam na Cerca no local entre a actual Rua do Jardim do Regedor e a Igreja de S. Luís; seguidamente atravessava o Rossio, onde se abriam as Portas chamadas das Estrebarias de El-Rei, actual estação do Rossio e, subindo de novo ao monte fronteiro até à Torre de Álvaro Pais, sita no actual Largo de Trindade Coelho, aí ficavam as Portas do Condestável e, muito perto, as da Trindade. Dali, numa grande recta, desciam as muralhas até ao Tejo, pelo caminho que hoje levam as ruas da Misericórdia e do Alecrim, tendo a meio deste percurso, no local onde se situa o Largo das Duas Igrejas, as Portas de Santa Catarina. Abrimos aqui uma breve pausa para dizer aos nossos leitores que era nas Portas de Santa Catarina que então se marcava a maior extensão oeste da cidade e foram estas testemunhas dos mais importantes combates travados durante o cerco de Lisboa em que interveio o próprio Mestre de Aviz acompanhado de alguns dos seus mais bravos homens de armas, entre os quais se contavam fidalgos, burgueses e até religiosos.

Voltemos à nossa descrição da Cerca. Em baixo, junto ao Tejo, a muralha angulava ao Corpo Santo onde ficavam as Portas do Cataquefarás; dali, seguindo paralelamente ao rio, abriam-se no seu percurso muitas portas, tais como as dos Cortes Reais, dos Cobertos, do Carvão que se situavam perto da Travessa do Cotovelo, Arsenal e Largo do Pelourinho. Na altura do Terreiro do Paço abriam-se as Portas das Pazes e, prolongando-se a Cerca pelas ruas dos Bacalhoeiros e da Alfândega, apareciam sucessivamente as Portas Novas do Mar, do Arco dos Pregos, da Judiaria, das Alcaçarias ou Alfama, do Chafariz de Dentro e da Pólvora. Voltando para o Norte, continuava a Cerca por Alfama até às Portas do Sol, sobre cujas muralhas está hoje edificado o Miradouro de Santa Luzia, aqui já parte aproveitada da Cerca Moura e ainda hoje visível. Seguia em direcção a S. Vicente, onde se abriam as portas deste nome, deixando fora das muralhas o Mosteiro, de que proveio o nome de S. Vicente de Fora. Seguiam-se as Portas de N. S.ª da Graça, do Caracol da Graça, de Santo André, cujo arco foi demolido há anos, e finalmente, as de D. Fradique e do Moniz, estas já no Castelo.

Assinalámos os nomes de algumas portas principais, cuja evocação ainda subsiste na toponímia da cidade, julgando ter dado aos nossos leitores uma pálida ideia do que teria sido essa formidável obra defensiva da Idade Média, que uma placa de pedra gravada em caracteres góticos, contemporânea da construção, evoca, placa esta que tendo estado junto às Portas da Mouraria se encontra actualmente incrustada na fachada do alto prédio que da Rua da Mouraria torneja para as Escadinhas da Saúde.

Luís Simões Aurélio

N. da R. — Com o presente artigo termina a narrativa histórica que a nosso pedido o nosso dedicado colaborador e Antigo Escoteiro Sr. Luís Simões Aurélio fez aos nossos leitores. Versou especialmente o Castelo de S. Jorge, monumento de grande interesse turístico de Lisboa, onde os Escoteiros alfacinhas *poderão levar os seus companheiros que visitem a nossa cidade, dando-lhes amplos esclarecimentos sobre a velha fortaleza.*

Ao nosso estimado Amigo agradecemos a tão gentil colaboração que nos prestou e felicitamo-lo pelo brilho e competência com que tratou o assunto.

★ ● ★

"SEMPRE PRONTO,,

Alguns exemplares do nosso jornal de Junho foram-nos devolvidos por se terem descolado e perdido os respectivos endereços. Pedimos aos nossos assinantes, que deixaram de receber o n.º 194, o favor de nos informarem a fim de lhes fazermos remessa daquele exemplar.

ANTIGOS ESCOTEIROS

TERTÚLIA

O jantar do dia 23 de Junho passado esteve bastante concorrido e permitiu uma interessante reunião de tertúlia. Participaram os companheiros Srs. Xavier de Brito, Eduardo Quintino, Ernesto Clímaco e esposa, José Miranda de Melo e esposa, Alfredo J. Gallis, Júlio de Almeida Nogueira, Brigadeiro Mendes Pereira e esposa, Walter Westwood e esposa, Wolf Karl, Albano da Silva, esposa e filho, Daniel Correia, Rev. Eduardo Moreira e esposa, Idílio Gonçalves, Virgílio A. Antunes e Mariano Garcia.

UMA SIGNIFICATIVA OFERTA

Nesta reunião, o companheiro Rev. Eduardo Moreira comunicou à Direcção da Fraternal que fazia oferta à mesma da sua Biblioteca Escoteira. Trata-se de um gesto muito significativo, pois o Rev. Moreira é um erudito bibliófilo e a sua oferta expressa o muito apreço em que tem a obra da Fraternal, de forma a considerá-la digna de ser depositária dos seus muito estimados livros escoteiros.

A Direcção, ao agradecer, pediu ao Rev. Moreira para continuar na posse dos referidos livros até que a Fraternal organize os serviços da sua Biblioteca. Entretanto, o companheiro Daniel Correia ofereceu quinhentos escudos para aquisição de uma estante para arrumação dos referidos livros.

Esta reunião de Tertúlia foi, portanto, um belo encontro que ficará registado na história da nossa Fraternal.

TERTÚLIA DE 23 DE JULHO

Como o dia 23 deste mês calha a um Domingo, a tertúlia reunirá no Campo Permanente dos Escoteiros de Portugal, na mata da Caparica, onde os Antigos Escoteiros e suas famílias passarão o dia em alegre convívio.

Os participantes devem levar o seu farnel e fazer a viagem pela Trafaria, onde tomarão o autocarro, descendo na paragem de Santo António. O campo fica a cerca de 200 metros da estrada, à direita do caminho alcatroado.

• • o • •



Grupo n.º 60 — VILA R. S. ANTÓNIO

Acampamento — Este Grupo realizou em 20 e 21 de Maio o seu primeiro acampamento deste ano, nas proximidades de Monte Gordo. Foram efectuados exercícios de seguimento de pistas, transmissões, nós, primeiros socorros, etc., saindo vencedora a Patrulha «Águia».

Estiveram presentes alguns camaradas caminheiros do Grupo n.º 6, de Olhão, que daquela vila se deslocaram em bicicleta.

Aniversário do Grupo N.º 77 — O «60» esteve presente com parte do seu efectivo no Acampamento comemorativo do 33.º aniversário do Grupo n.º 77, de Faro, efectuado nas proximidades de Montenegro. Os Escoteiros de Vila Real de Santo António deslocaram-se a Faro no dia 10 e regressaram no dia 11 de Junho.



Vimos no mês de Maio passado como a necessidade de formação de novos Chefes e treino dos existentes, é tarefa primordial e indispensável para elevar o nível e a amplitude do Escotismo em geral e do Aepista em especial, e, como se está procurando dar realidade à intenção de remediar a falta existente.

Neste número, daremos indicações quanto às características principais dos dois mais simples cursos do Esquema de Treino da Insígnia de Madeira, Curso de Explanação e Curso Preliminar.

1 — Curso de Explanação

— ***Em que consiste:*** *a)* Uma ou mais palestras e exibições sobre Escotismo, sua história, fundamentos, organização e métodos;

b) Visita a uma Alcateia de Lobitos, a uma Tribo de Escoteiros, a um Clã de Caminheiros ou a uma Direcção de Grupo.

— ***O que se ensina:*** *a)* Conhecimento dos livros básicos do Escotismo;
b) Terminologia escotista;
c) História, princípios e métodos;
d) O espírito do Escotismo;
e) A estrutura do movimento escotista;
f) Quais as outras oportunidades de Treino postas à disposição dos candidatos.

— ***Quanto dura:*** Uma a duas sessões de 2 ou 3 horas cada, e uma demonstração.

— ***A quem se destina:*** *a)* A futuros chefes escoteiros, membros de Direcções de Grupos, sacerdotes, professores de escolas, pais e simpatizantes que estejam necessitados de compreender melhor os fundamentos e métodos do Escotismo;

b) Rapazes maiores de 18 anos que estejam interessados no Escotismo.

— ***Assistência mínima:*** Não há limite.

— ***Quem dirige:*** Os componentes da Equipa de Treino de Chefes, Chefes de Grupo especialmente designados para isso ou Chefes de Núcleo ou de Região.

— ***Que se concede:*** Um *certificado* de participação.

2 — Curso Preliminar da Insígnia de Madeira

— ***Em que consiste:*** *a)* É um curso prático cujos participantes são organizados como uma Alcateia, Tribo ou Clã, conforme o curso e para Chefes dessas unidades de Lobitos, Escoteiros ou Caminheiros;

TEMA PARA CHEFES

Qual a orgânica geral do Esquema de Treino da Insígnia de Madeira?

b) Os participantes aprendem fazendo; a explicação dos princípios do Lobitismo, Escotismo terrestre ou marítimo e Caminheirismo. Incluem a demonstração de reuniões e outras actividades que se realizam nas Sedes dos Grupos e ao ar livre, incluindo nestas os acampamentos;

— ***Que se ensina:*** *a)* Fins, objectivos e princípios específicos de cada Divisão ou Ramo do Escotismo;

b) A execução de programas de actividades, tanto de interior como de ar livre;

c) Demonstração directa e prática das formas de adestramento dos rapazes de acordo com as provas típicas do Escotismo:

— Pata-tenra e 1.ª Estrela de Lobitos.

— 3.ª e 2.ª classes dos Escoteiros e certas particularidades referentes ao Ramo marítimo e aos Caminheiros.

— ***Quanto dura:*** *a) Para chefes de Lobitos* — Uma reunião preliminar, duas reuniões de Alcateia em recinto coberto e uma ao ar livre com um total aproximado de 12 horas;

b) Para chefes de Escoteiros — Uma reunião preliminar, seis reuniões de Tribo em recinto coberto, três ao ar livre e uma de fecho com duração aproximada de 25 horas no total;

c) Para chefes de Caminheiros — Uma reunião preliminar, oito palestras técnicas acompanhadas das respectivas práticas e uma sessão prática de fecho, correspondendo a um total de 13 horas de trabalho.

— ***A quem se destina:*** *a)* Aos chefes das Divisões correspondentes, chefes de Grupo e chefes de Núcleos, Regiões, etc.

b) Aos chefes de Alcateia e de Tribo maiores de 18 anos e chefes de Clã maiores de 21.

Nota — É recomendável que os participantes tenham assistido a um Curso de Explanação ou que tenham servido activamente como chefes nos últimos três meses.

— ***Assistência mínima:*** *a)* Para chefes de Lobitos, 15 (três Bandos);

b) Para chefes de Escoteiros, 18 (3 Patrulhas ou Tripulações);

c) Para chefes de Caminheiros, 12.

— ***Quem dirige:*** Adjuntos do Director de Cursos de Chefes (A. D. C. C.) correspondentes às diferentes Divisões de Lobitos, Escoteiros e Caminheiros.

— ***Que se concede:*** Um *certificado* de participação satisfatória e a anilha de lenço escoteiro, tipo Gilwell, a todos os participantes que na opinião do Chefe do Curso tenham prestado provas satisfatórias.

* * *

No próximo número contamos explanar, de modo semelhante, o Curso da Insígnia de Madeira.

DE SINTRA

O 27.º Aniversário do Grupo N.º 93

Em 24 e 25 de Junho passado, na Quinta da Rosa Branca em Sintra, realizou-se um acampamento comemorativo do 27.º aniversário deste grupo. Participaram na actividade os Grupos n.ºs 1, 8, 10, 85, 93 e 94, num total de 63 elementos. À noite, houve fogo de conselho, aceso pelo proprietário da quinta, antigo escoteiro do 93, após palavras de saudação pelo ex-chefe do Grupo, sr. João Soares.

O fogo decorreu muito animado, tendo também participado no programa o Grupo n.º 18 do C. N. E., que veio testemunhar a sua amizade ao 93. O Chefe Armando Inácio, que dirigiu a actividade, agradeceu no final, em nome do Chefe Raposo Bicho, do Grupo 93, que se encontrava ainda rouco, a entusiástica colaboração de todos os Escoteiros.

* * *

No Domingo de manhã, os Escoteiros realizaram uma Boa Acção colectiva visitando a cadeia e o hospital da Vila, oferecendo tabaco, livros e queijadas aos presos e doentes.

Cerca das 15 horas, dirigidos pelo Chefe Mário Gonçalves, do Grupo 85, os Escoteiros desfilaram até ao Parque Municipal, em cujo recinto de patinagem realizaram uma sessão de propaganda escoteira na presença de numerosa assistência. A sessão foi dirigida pelo Sr. Mariano Garcia, dos Serviços de Informação e Cultura da Região Centro, vendo-se em lugar de honra os Srs. Eng.º José Maria Nobre Santos, Chefe Regional do Centro; João Trigueiros, Delegado Regional do Sul (Algarve); Alfredo Gallis e Ribeiro Nunes, daqueles mesmos serviços da Região Centro.

Depois de uma breve explicação acerca das finalidade do Escotismo, foi feita uma exibição da maneira como funciona uma reunião de escoteiros e um fogo de conselho. O público sublinhou com muitos aplausos a actuação dos escoteiros e foi tal o entusiasmo despertado que os rapazes em determinada altura vieram juntar-se aos escoteiros, participando nos gritos e canções. Fizeram-se ainda demonstrações de pioneirismo, homográfico e um exercício de socorros a feridos executado pelos novos escoteiros do Grupo 10.

O programa terminou com alegres jogos escoteiros, muito apreciados por todos, tendo sido encerrado com o arriar da bandeiras nacional e do Grupo 93, entoando-se a canção É lá! e o hino nacional.

Esperamos que esta brilhante sessão comemorativa e o entusiasmo que ela despertou no público e na juventude sintrenses, sirva de estímulo aos dirigentes do 93 e que novos aspirantes venham preencher as fileiras da unidade escoteira de Sintra, de forma a que a Região Centro possa contar com mais um grupo em franco desenvolvimento.

É bom saber...

Novo «Pairo-Deslizador»

Uma das companhias do Grupo Vickers está a construir um novo pairo-deslizador (o veículo que se desloca sobre uma almofada de ar) para utilização comercial — tipo 2032.

Terá capacidade para transportar 400 passageiros e 12 automóveis ou o equivalente em frete, com um raio de acção de 200 milhas náuticas (370 kms) a uma velocidade de 170 kms. por hora.

Este veículo foi projectado para actuar em águas costeiras, de forma a poder ser utilizado em muitos países do mundo.

RELAÇÕES NO TRABALHO

Há «Superior» e Superior

A função de chefe vista por um Escoteiro

(Conclusão da página 3)

a autoridade. Um faz prova de autoritarismo; só o outro possui autoridade.

Aquele que não quer ser senão O SUPERIOR cria um clima de discórdia em sua volta; aquele que se esforça por se tornar realmente superior cria a harmonia e o entusiasmo. O primeiro provoca conflitos; o segundo é o promotor de paz social.

QUE ESPÉCIE DE «SUPERIOR» ÉS TU, MEU AMIGO?

J. GUERIN - DESJARDINS

Traduzido do francês do «Bulletin de l'Amitié» da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias.

A opinião dos nossos leitores

Devem os escoteiros usar calção ou calça?

Recomenda as calças o antigo escoteiro e distinto oficial de Marinha sr. António Ferro Morgado.

Leitor antigo do «Sempre Pronto» e admirador, há longos anos, de tudo o que se refere ao Escotismo, venho reforçar a opinião do Sr. José da Costa Sequeira acerca de pergunta «Devem os escotistas usar calção ou calça?», inserta no n.º 194.

Evidentemente que me podia alongar começando por admitir que o «hábito não faz o monge» e que, assim de calção ou de pijama, não interessa. A tradição faz lei... Pressinto, contudo, que jamais argumento haverá capaz de se opor ao ridículo, inestético, piegas e falho de naturalidade, que representa um indivíduo de calção, depois dos tempos de menino, fora do campo ou da praia. Não compreendo como seja tolerado o uso do calção numa procissão, por exemplo, e tenho experiência própria do sacrifício que fazem os escoteiros da velha guarda quando, pùblicamente, têm de mostrar as «canetas», que o roçar dos anos tornaram esqueléticas inversamente ao que sucede com o abdómen, contra os mais rudimentares princípios de bom senso. Figuras tristes que só o calor do espírito escotista pode suportar.

Não gastem, pois, mais tinta. Deixem o calção para as crianças ou para o campo, adoptando calças do mesmo tecido para as restantes manifestações públicas.

Pedindo desculpa pela maneira desassombrada como vejo o assunto, subscrevo-me(...)

(*a*) ANTÓNIO FERRO MORGADO
1.º TENENTE

Deixem-se de inovações! O fardamento escoteiro de calção é elegante, prático e próprio de um movimento de acção ao ar livre — afirma o antigo escoteiro sr. José Ant.º Silva.

(...) Por simples coincidência assisti há dias a uma actividade de Escoteiros onde havia alguns «calçudos». O confronto entre os dois uniformes—calção e calça—é esclarecedor. O uniforme de calção sugere actividade e juventude. O fardamento de calça é pesado, feio e sugere inactividade.

Se derem autorização para que os seniores usem calça, terão de dar a mesma autorização aos juniores porque eles se sentirão amesquinhados de calção. Portanto, dentro de pouco tempo ter-se-á perdido o uniforme escoteiro. E o fardamento escoteiro de calção é elegante, prático e próprio de um movimento de acção ao ar livre. Deixem-se de inovações!

Hoje o calção é usado por campistas, Mocidade Portuguesa, Marinha de alguns países e até pelo Exército. Agora que o calção é de uso corrente é que os Escoteiros vão mudar?

Desculpem o tempo que lhes tomo e aceitem saudações do leitor amigo.

(*a*) JOSÉ ANTÓNIO SILVA

•

Qual é a opinião do leitor? Escreva-nos dizendo o que pensa sobre o caso em discussão.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — ANGRA DO HEROÍSMO

Festa de Campo — Promovida pelo Clã 25 do C. N. E. (Seminário de Angra), realizou-se em 14 de Maio, uma festa de campo, junto a St.º António (Monte Brasil), de despedida dos escoteiros finalistas e de homenagem ao Rev. Con.º Dr. Artur da Cunha Oliveira, que foi distinguido pela J. C. do C. N. E. com a Cruz de Agradecimento, Classe Ouro.

Esteve presente o Chefe M. Silva e uma delegação do Grupo 52 da AEP. Antes da imposição da medalha, falou o Rev.º C.º Dr. José Enes, actual Assistente do Clã, que se referiu à pessoa do homenageado, como sacerdote e como dirigente escotista entusiasta, responsável pela fundação do Clã no Seminário de Angra. Referiu-se também à presença «52» e do seu Chefe, e salientou a boa camaradagem que sempre existiu entre as duas unidades escotistas.

Proferiu também algumas palavras de saudação o Chefe Moniz Silva, que se congratulou com os escoteiros-seminaristas pelo acto de justiça e gratidão que praticavam; agradeceu as referências que lhe foram dirigidas e à A.E.P., e felicitou vivamente o Rev. C.º Dr. C. Oliveira pela distinção recebida, referindo-se à simpática colaboração que tem dispensado ao 52 e ao seu Chefe.

Comemoração do «Memorial Day» — Como nos anos anteriores, realizou-se no Cais da Praia da Vitória, no dia 30 de Maio findo, a simbólica cerimónia de homenagem aos heróis que deram a vida pela pátria, promovida pela delegação da Marinha Americana, aquartelada na B. A. 4.

Além das autoridades portuguesas e americanas na Ilha Terceira, estiveram presentes dirigentes e representações dos Caminheiros, Escoteiros, Lobitos e Guias (Escoteiras) do Destacamento Americano das Lajes, assim como o Chefe Moniz Silva e uma delegacão do Grupo N.º 52.

Depois dos discursos oficiais e da oração proferida por um capelão militar, procedeu-se ao tradicional lançamento de flores ao mar, efectuado por escoteiros e guias dos diferentes escalões, enquanto um pelotão da Marinha Americana dava, para o ar, as descargas da praxe.

Terminada a cerimónia, os Escoteiros de Portugal na companhia dos dirigentes escotistas americanos, Presidente Weimar e Chefe Blanton, almoçaram no Clube de Sargentos Americanos das Lajes, regressando em seguinda a Angra do Heroísmo.-C.

SEMANA DO ULTRAMAR

A reunião do Grupo de 31 Maio findo, foi dedicada à Semana do Ultramar.

Depois de breves palavras de introdução pelo Chefe Moniz Silva, o Caminheiro Leopoldino Tavares dissertou sobre a nossa província de Angola.

ACAMPAMENTO DO MONTE BRASIL

Dirigido pelo Chefe Moniz Silva, o grupo esteve acampado na Caldeira do Monte Brasil, de 9 a 11 de Junho. Tomaram parte no acampamento, diversos elementos da 2.ª secção dos Boy Scouts of America (Troop I-Lajes), sob a direcção do graduado Jim Rowe.

No dia 10, acamparam também no mesmo lugar, cerca de 40 Lobitos Americanos, acompanhados de alguns pais, sob a direcção do Major Durant, do Capitão Jordan e do Sarg. Weimar. No Fogo do Conselho conjunto, realizado na noite do dia 10 de Junho e que decorreu num ambiente verdadeiramente fraternal, colaboraram de perto os Escoteiros Portugueses e Americanos, tendo o Grupo 52 apresentado um escolhido programa de canções patrióticas e folclóricas, alusivas ao Dia da Raça.

Na manhã do Domingo, o Chefe Moniz Silva conduziu os Lobitos, alguns Escoteiros e vários dirigentes, ao Pico das Cruzinhas, no Monte Brasil, onde, junto ao Monumento comemorativo do 5.º Centenário da Descoberta dos Açores, fez aos seus jovens ouvintes americanos, uma descrição sucinta do que representava aquele monumento, fazendo em seguida uma resenha histórica sobre a Ilha Terceira, e, nomeadamente, sobre a Fortaleza de S. João Baptista, que foi em seguida visitada por todos, sob a direcção daquele chefe português.

Esta interessante actividade deixou em todos as melhores impressões, — a começar pelo admirável estado de tempo, — e deu origem a uma sã confraternização entre portugueses e americanos. — *C.*

Jambori Mundial do Escotismo

O Príncipe Constantino da Grécia enviou a todos os escoteiros a seguinte mensagem.

«Irmãos Escoteiros:

«A Repartição Internacional de Escotismo anunciou oficialmente que os países membros da Fraternidade Escotista Mundial aceitaram o nosso convite para que se realizasse na Grécia o 11.º Jambori Mundial.

«Esta informação foi recebida por todos nós, os Escoteiros da Grécia, com profundo reconhecimento e alegria.

«O entusiasmo que tão expontâneamente se manifestou iluminará o nosso caminho e ajudar-nos-á a atingir o alto nível estabelecido pelos Jamboris anteriores.

«E portanto com o maior prazer que cordialmente vos convido a assistir ao Jambori de 1963. Uma calorosa recepção vos aguardará sob os céus azuis da Grécia, onde os ideais e o espírito clássicos assim como os gloriosos vestígios do passado harmoniosamente se casam com as linhas modernas e a beleza e a variedade de cenário.

«Até ao dia da grande reunião, envio-vos os meus melhores votos de «boa caça» e, entretanto, estejamos

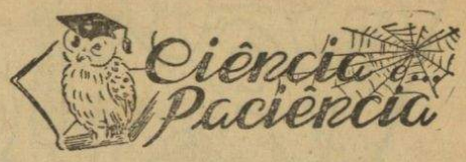
Sempre Prontos»

CONSTANTINO
Príncipe Herdeiro
Duque de Esparta
«Escoteiro-Chefe da Grécia»

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

O Grupo local iniciou a sua actividade de verão com um bivaque no aprazível local conhecido por Bonito, onde esteve no dia 11 de Junho passado, realizando jogos e vários exercícios escoteiros. O Grupo regressou à tarde à sede, no meio da alegria dos rapazes. — *C.*



Solução do Problema n.º 4/61

14 km. Pois se o primeiro viajante levou o mesmo tempo, as duas partes do percurso são proporcionais às velocidades. A estalagem está a 3/4 do percurso. Suponhamos que ele tinha andado 2 horas, fez $4+3=7$ km. em 120 minutos. O segundo para fazer os 3 km. que o separavam da estalagem, a 4 kms. à hora, levou 45 minutos; para fazer os 4 km. restantes, a 3 km. à hora, levará 80 minutos. No total $45+80=125$ minutos, ou seja 5 minutos mais que o outro. A diferença sendo de 10 minutos, o percurso é então duas vezes mais comprido, ou seja $7\times2=14$ km.

O nosso estimado leitor António E. Amêndoa conquistou os 5 pontos. Parabéns.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

A benemérita Liga, que tem a sua sede no Porto, acaba de publicar um volume no qual reúne todos os documentos e artigos de imprensa respeitantes à util campanha que empreendeu pela higienização do papel usado nos sacos, cartuchos e envoltórios destinados ao acondicionamento dos géneros alimentícios.

Trata-se de um interessante volume, cuja leitura esclarece um problema de higiene pública e através do qual se verifica o interesse nacional da acção da prestigiosa Liga.

As palavras do Sr. Ministro da Economia, que encerram o livro, deixam-nos a convicção de que a Liga em breve verá o resultado da campanha empreendida.

Sob o título «Política do Espírito» publicou também a Liga um opúsculo acerca da sua acção cultural no nosso país.

Agradecemos os exemplares oferecidos.

Manual de Provas de 1.ª classe

«MAIS ALÉM»

Com a colaboração do Prof. Aníbal Ramos, António M. Calhau, Armando Garcia Inácio, Eduardo Barbeiro, Eduardo Ribeiro, Eng.º José Maria Nobre Santos, Joel Ribeiro, Júlia Gomes Pena Ribeiro, Dr. Leopoldo de Figueiredo, Dr.ª Lídia de Medeiros e Manuel Tacão Monteiro.

O LIVRO QUE FAZIA FALTA!

172 páginas — Muito ilustrado

ESC. 12$50

Manual de 2.ª Classe «Sempre Pronto» 5$00

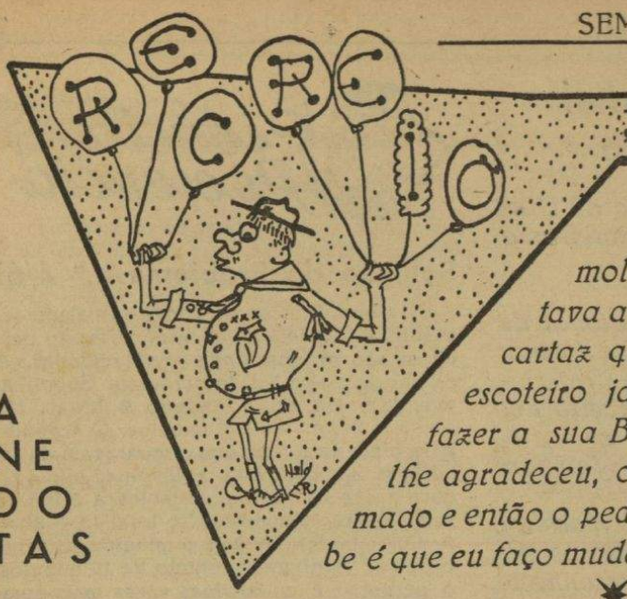
Manual de 3.ª Classe «Para ser Escoteiro» 3$50

À VENDA

no Serviço de Material e Uniformes da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

e na Redacção do «SEMPRE PRONTO»

Pedidos pelo correio ou pelo Telef. 636607



PÁGINA alegre PARA MUDOS e GRAÚDOS

COORDENADA POR: HELDER MARTINS

ANEDOTAS

Depois de dar esmola a um pobre que estava a uma esquina, com um cartaz que indicava MUDO, o escoteiro já seguia contente por fazer a sua B. A. quando o pobre lhe agradeceu, o escoteiro ficou pasmado e então o pedinte esclareceu-o: Sabe é que eu faço mudanças!

✷

Guia: Este prato está molhado! Cozinheiro: Pois é pena, é a tua sopa...

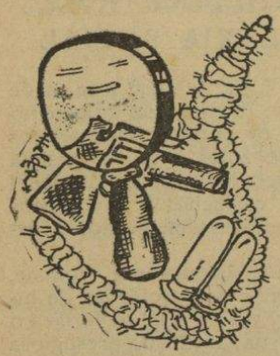
Uma curiosidade de vez em quando

Para uns estranho, para outros já conhecido será o o nome da sua patrulha... Nome? perguntarão os primeiros, sim mas o nome científico claro está. Não achavam esquisito?

Como não caberiam aqui todos os nomes dos animais que servem de trofeu à patrulha, diremos só os mais triviais:

LOBO — (Canis Lupus); CÃO — (Canis Familiaris); GATO — (Felis Domestica); ÁGUIA — (Aquila Chrysaëtus); ANDORINHA — (Delichon Urbica); JAVALI — (Sus Serofa); TOUPEIRA — (Talpa Europaea); VEADO — (Cervus Elaphus). Que tal? São bonitos não acham!?

POLICIAL N.º 5



PROBLEMA

«A morte dum Botânico»

Pela segunda vez o «Inspector Z» ligou o gravador para ouvir o depoimento dos suspeitos pela morte do Dr. Monteiro especialista em botânica.

Ao mesmo tempo que ouvira o habitual principiar do processo, procurou um lápis e um papel papel para qualquer anotação que pudesse porvir.

A fita magnética chegava ao ponto do inquérito ao suspeito José Rocha:

— Como posso provar, sr. juiz, quando se deu o crime estava numa festa em casa da minha noiva e de maneira nenhuma poderia matar uma pessoa que era tão amiga apesar de há uns tempos para cá andarmos insatisfeitos...

O Inspector ligou o botão para o depoimento seguinte que era o da jovem Juscelina, ajudante do célebre Dr. Monteiro.

— Sr. Juiz, quando ouvi o tiro estava na sala ao lado onde se encontrava o professor e até o posso levar lá, pois examinava a flor dum polipódio de onde o Dr. queria extrair o pólen. Quando o Dr. gritou, corri para ele e verifiquei que estava morto. Telefonei para a polícia...

O «Inspector Z» depois de desligar o aparelho anotou no papel.

Um dos suspeitos mentiu. E a nossa pergunta é Qual? e Porquê?

RAS AO QUADRADO

VALAP		
1		1.º—Iniciais dum grupo de antigos Escoteiros.
2		2.º Pare. 3.º Nome de letra grega (pl.)
3		4.º atitude.
4		

Para se fazer este passatempo que é bastante fácil, basta que como nas «palavras cruzadas» arranjem sinónimos e que os ponham na respectiva coluna. E para ainda mais simples ficar a coluna horizontal terá na respectiva coluna vertical a mesma palavra. Que tal? Não é mesmo elevar ao quadrado?

Se não compreenderam vejam a solução

CHARADAS COMBINADAS

1 - . . + BO = animal selvagem.
2 - . . + SAR = Repetir.
3 - . . + MBO = Queda.

Solução: com as silabas juntas encontrará o nome dum membro dum movimento juvenil.

Resposta: LOBITO.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

Traços por letras — Camilo; Eça; Camões; Aquilino, Namora; Herculano, Junqueiro; Castilho; Garrett; Bocage.

Problema Policial — A impostora' como quase todos disseram e muito bem' era a freguesa evidentemente como diz o Zé e o João. Sim senhor, desta vez todos ganharam. Já me esquecia das provas e como todos sabem não devemos acusar ninguém sem termos antes as provas. A impostora ao dizer que as suas compras não excediam os cem escudos deu a prova que o nosso «Inspector Z» precisava pois somando o preço das compras verifica-se que ela mentia.

PARABÉNS!

Estão de parabéns todos os escoteiros que com o seu habitual poder de visão viram na nossa última página onde estava o «Gato».

O quê? Não sabiam? Então eu vou contar: os nossos amigos leitores com a 8.ª lei em mente viram que com as gralhas que por lapso se deixou passar se podia arranjar um passatempo e «zás» toca de procurar onde estava o Gato e... como todos os passatempos tem a solução eu vou-vos dar a deste: Onde se lê:

«Philisp»	deve	se	ler «Philipps.»
«A. F. P.»	»	»	» «A.E.P.»
«portgueses»	»	»	» «portugueses»
«—A—»	»	»	» «——A—»

Como já acertaram este, nós vamos prometer que não arranjaremos mais gatos... mas se aparecerem vocês vêem onde está o gato»!



— Ou o estetoscópio está avariado ou você morreu...